

CINEMATECA PORTUGUESA – MUSEU DO CINEMA
Sessão Especial: MUHNAC
23 de maio de 2025

GUINÉ, BERÇO DO IMPÉRIO / 1940

Um filme de António Lopes Ribeiro

Realização: António Lopes Ribeiro / **Fotografia:** Isidoro Goldberger, Manuel Luis Vieira / **Texto e locução:** Elmano da Cunha e Costa / **Montagem:** Vieira de Souza / **Produção:** Agência Geral das Colónias / **Cópia:** da Cinemateca Portuguesa-Museu de Cinema, 35 mm, preto e branco, 18 min.

ADEUS, ATÉ AO MEU REGRESSO / 1974

Um filme de António-Pedro Vasconcelos

Realização, Montagem: António-Pedro Vasconcelos / **Assistente de Realização:** José Álvaro Morais / **Fotografia:** Michel Ognier / **Som:** Jorge Loureiro / **Produção:** Radiotelevisão Portuguesa/RTP / **Cópia:** da Cinemateca Portuguesa-Museu do Cinema, DCP, preto e branco, 71 minutos / Texto originalmente escrito para o Ciclo "25 de Abril – Imagens", Abril de 1984.

Sessão apresentada por Ariana Furtado, Catarina Laranjeiro, Inês Vieira Gomes

A sessão abre com **Guiné, Berço do Império**, realizado por António Lopes Ribeiro e produzido no contexto da propaganda imperial do Estado Novo, o filme integra uma série de registos destinados a promover uma imagem idealizada da presença colonial portuguesa. Sobre esta obra, Manuel Cintra Ferreira escreveu, aquando da sua apresentação no ciclo *Cinemas de África* em 1995: "Lopes Ribeiro limita-se, por sua vez, a um registo pouco mais do que exótico no seu pequeno filme **Guiné, Berço do Império**, filmado durante a missão cinematográfica às colónias, com a sucessão de danças tribais e rostos característicos."

"...que o cinema se possa socorrer da ilustração dos temas heróicos de um passado recente ou da denúncia do aparelho repressivo, para se impor, é perspectiva que, por haver dela já medíocres e triunfantes exemplos na casa, me assusta sobremaneira... O cinema, como tudo o que tem a ver com a criação dita artística, responde a uma patologia particular, a necessidade (poética, moral) que não trilha os mesmos caminhos que ligam a acção política ao seu objectivo que é o exercício do poder". Serve esta longa citação (António-Pedro Vasconcelos, *Cinéfilo*, nº 34, 1-6-74) para

abrir a porta ao discurso sobre **Adeus, Até ao Meu Regresso**, filme produzido pela RTP, em 1974, e que o próprio A-PV realizou.

Adeus, Até ao Meu Regresso é um filme que começa por resistir à classificação como "cinema militante", furtando-se mesmo à empresa sociológica que se lhe poderia atribuir e acabando por situar-se num terreno muito mais fascinado e fascinante a que, no rasto do seu autor, chamaríamos "fotografia à la minuta".

Um cinema fascinado: o longo primeiro plano com o meio-corpo do entrevistado, o microfone em campo sublinhando discretamente o lado "encenado", o avião que vem circunstancialmente "riscar" a composição até sair dela, a gaguez do testemunho que introduz uma surpreendente dimensão dramática. Apetece descrever, garanto-vos: são longos planos em que o grão de mistério vem aflorar a imagem, como no caso da aterragem do avião militar que seguimos demoradamente - e sem corte - ou cenas em que o melodrama surge, descrito palmo a palmo, e também palavra a palavra, como no caso do "morto-vivo". É também, por isso, pela memória da ficção que nele se consente que **Adeus, Até ao Meu Regresso** é cinema fascinante. A câmara parece fascinada por essa rapariga que não é capaz de explicar como é que acreditou morto o namorado e depois teve notícia da sua "ressurreição"; e o que nessas imagens é fascinante é que a incapacidade se transforma noutro tipo de capacidade, a de hesitar, a de figurar a sua ingenuidade, e afinal a capacidade de uma teatralidade comovedora e enleada.

Não estamos a ir ao essencial, dirão alguns. Afinal, trata-se de inquirir a guerra colonial, em particular a síntese que dela fazem os que foram seus protagonistas. Tratava-se de inquirir a máquina repressiva do regime – a sua mais nefasta prisão. Mas em vez da ideologia no posto de comando, da imagem exausta, sem força para se acarear com o passado e ultrapassá-lo, aqui é a pluralidade das vozes, o seu romance: cada um dos testemunhos define um percurso, uma forma de passar pela guerra e seguir em frente. E, sobretudo, em **Adeus, Até ao Meu Regresso** não há vestígios de sacralização. Jornalismo para a televisão. Bom jornalismo a que se junta a presença do cineasta: "O que continua a preocupar-me, como cineasta é a relação de um raccord com um plano sequência, do som directo e da voz-off, dos actores com as pessoas que eles são...", dizia no já citado Cinéfilo, A-P Vasconcelos. **Adeus, Até ao Meu Regresso** responde a esse desejo.

Manuel S. Fonseca